

INFORME ESPECIAL

Com Raíssa de Avila | raissa.avila@gruporbs.com.br



JULIANA BUBLITZ

informe.especial@zerohora.com.br
Instagram @ju_bublitz Twitter @jubublitz

A controvérsia sem fim da dívida do RS

Em 2013, passei um mês ouvindo ex-governadores, ex-secretários da Fazenda e economistas para uma reportagem sobre a história da dívida do RS. A bola de neve teve início há 50 anos. Desde então, passaram-se diferentes governos, e a controvérsia persiste. Às vésperas da adesão ao regime de recuperação fiscal, o debate voltou aos holofotes, pautado por OAB-RS e Ajuris, que representam advogados e juízes gaúchos.

É claro que o ideal seria – como defendem as entidades – a revisão e a consequente extinção do contrato (de fato, impagável) assinado em 1998, quando a União assumiu o passivo, na gestão de Antônio Britto. Mas a história sugere que a saída não é simples.

Naquela época, o governo estadual se comprometeu a devolver, em 30 anos, cerca de R\$ 9 bilhões à União (em torno de R\$ 60 bilhões em valores corrigidos), com juros de 6% e incidência do IGP-DI. O indexador cresceu além do esperado, e o passivo se

multiplicou. Hoje, depois de ter repassado quase R\$ 40 bilhões aos cofres federais, o RS ainda deve R\$ 73 bilhões. É um absurdo, não há dúvida.

O fato é que, nas últimas duas décadas, houve inúmeros questionamentos ao contrato, inclusive na Justiça – o primeiro deles ocorreu já em 1999, no governo de Olívio Dutra. Sem nunca chegar a uma solução definitiva, a discussão prosseguiu, ano após ano, em meio à crise.

Em 2013, Tarso Genro conseguiu viabilizar uma renegociação, concluída por José Ivo Sartori. Após dezenas de reuniões, foi possível alterar as condições de pagamento (correção e juros), alongar o prazo em 20 anos e abater parte do saldo. A União jamais se dispôs, contudo, a dar o contrato por encerrado, hipótese que também não avançou na seara judicial.

Ainda que a intenção seja a melhor possível, nada garante – diante do histórico do problema – que, agora, haverá um desfecho diferente.

Como surgiu a bola de neve

A dívida do RS começou a sair do controle em 1970, quando o Estado entrou no mercado de capitais e passou a emitir títulos com correção monetária. Os papéis tiveram rápida aceitação no mercado, o que viabilizou obras. Mas, na década seguinte, veio à tona

a explosão do endividamento. Os prazos expiraram, e o pagamento passou a ser adiado. Novos títulos foram emitidos para cobrir papéis vencidos (dívida para pagar dívida). A situação piorou, até que a União assumiu o passivo, dando início à realidade que temos hoje.

Não esqueça

Só para reforçar: termina amanhã o prazo para tirar o título de eleitor e fazer alterações no cadastro.

Para não perder tempo, o caminho mais fácil é acessar o site tse.jus.br e clicar em “autoatendimento ao eleitor”. Não deixe para a última hora. Votar é importante e pode, sim, fazer a diferença.

Em disputa

Ah, e não custa lembrar: em outubro, estarão em disputa os cargos de presidente, governador, senador, deputado federal e estadual.

GZH

Leia outras colunas em
gzh.com.br/julianabublitz

Respeito no trânsito desde cedo



Uma iniciativa pioneira da concessionária Ecosul, responsável pelo Polo Rodoviário Pelotas, no sul do Estado, está de volta à pista – ou melhor, à minipista.

Em parceria com o Instituto Renault e a Secretaria de Educação de Pelotas, o projeto Trânsito & Eu oferece aulas gratuitas à criançada de seis a nove anos sobre as regras em vigor nas ruas, avenidas e estradas brasileiras.

Em carrinhos que imitam



o modelo Kwid, da Renault, bicicletas e triciclos, meninos e meninas aprendem a se portar de forma correta na via pública – como condutores de veículos, ciclistas e pedestres.

As lições ocorrem em uma área de mil metros quadrados,

junto à sede da Ecosul, na BR-116, onde foi criado um circuito simulando um cenário urbano real (com faixa de segurança e sinalização horizontal e vertical de trânsito).

O local foi o primeiro espaço do tipo designado por uma concessionária para um projeto de educação voltado ao público infantil, em 2008.

De lá para cá, a iniciativa envolveu mais de 10 mil crianças, das redes pública e privada. Muitas delas, hoje, já são motoristas.

Nos bastidores do South Summit

Tem muita gente botando a mão na massa para fazer o South Summit acontecer em Porto Alegre – a programação começa amanhã e vai até sexta-feira, no Cais Mauá. Nos bastidores, um dos timoneiros do barco é o jornalista Thiago Ribeiro. Aos 42 anos, o diretor-geral do evento (na foto) é responsável por coordenar a operacionalização de tudo o que está sendo programado. – Trabalho dia e noite, mas sou um cara tranquilo.

Tenho certeza de que o evento vai dar certo e será um marco para a cidade – diz Ribeiro, enquanto passa os olhos em uma centena de mensagens no Whatsapp, que não para. Especialista em Marketing e mestre em Ciência da Computação, o jornalista é executivo da 4all, empresa de tecnologia com sede na Capital e uma das parceiras do South Summit. No currículo, é reconhecido por ter idealizado o projeto #POAdigital, que originou, em 2013, o portal de dados abertos da prefeitura da Capital, e por ter ajudado a criar a Associação Gaúcha de Startups.



JULIANA BUBLITZ